

José Leon Machado

Prosa Versificada
Vol. I



POESIA

Edições Vercial

Ficha Técnica

Título: *Prosa Versificada – I*

© Copyright José Leon Machado 2006-2010

Todos os direitos reservados.

Edição conjunta das seguintes obras:

Os Desabafos do Sr. Teixeira, OPSIS, 1996

Poesia das Mãos Fechadas, OPSIS, 1996

Panteão das Coisas Vulgares, OPSIS, 1996

Lar Despido, OPSIS, 1996

1ª edição, Dezembro de 2006

2ª edição, Agosto de 2008

3ª edição, Abril de 2010

Edições Vercial

URL: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>

E-mail: evercial@gmail.com

José Leon Machado

Prosa Versificada – I

Poesia

Edições Vercial

**Textos recuperados para
uma espécie de introdução**

A MODERNA POESIA PORTUGUESA

No livro *Para Sempre*, publicado em 1983, Vergílio Ferreira, num tom de chacota, apresenta as novas correntes de poesia moderna: «o baralhismo que baralhava muitas palavras e as atirava ao ar e caíam em forma de poema – e o saquismo. Que era metê-las num saco para as tirar ao acaso da inspiração, e o mudismo. Que era a poesia muda em livros em branco».

Alguns anos passados e, num relance de olhos, descobrimos que essas palavras se coadunam com o que hoje se escreve e se edita em Portugal.

Os nossos poetas escabujam palavras, amontoam-nas, uma lixeira de detritos onde a variedade de colorido, de odores é colossal. Para os compreender, um esforço inaudito pedido à sensibilidade e à inteligência.

A mescla de sensações e pensamentos não destoa num poema. O que destoa é não haver sensação nenhuma e o pensamento estar ausente como a água no deserto. Borram-se páginas inteiras de linhas que não significam absolutamente nada. Ou, então, às vezes um verso perdido no fundo da página branca.

Não defendemos, porém, o regresso às formas clássicas, aos versos rimados, certinhos como a esquadria de um prédio. Serão bonitos de ouvir, mas talvez não se harmonizem já com a inspiração bravia e complexa dos novos poetas.

Para a história da literatura, como experiências no campo estético acumuladas, as formas clássicas através dos seus utilizadores são sempre positivas. O passado, dizia Jung, «faz parte de nós».

Os trovadores, Camões, Bocage, Antero, Pessoa, legaram-nos um manancial inextinguível, uma poética que perdurará. E esses poetas de cordel que anualmente editam um livro ou são premiados pela

José Leon Machado
.....

associação fulana de tal, que nos legam? O baralhismo, o saquismo, o mudismo?

Um ou dois nomes a destacar do mar poluto da moderna poesia portuguesa: Herberto Helder e João Miguel Fernandes Jorge. A grande verdade é que uma época dá poucos artistas que ficam. Serão estes a marca dos recém-chegados anos noventa?

29/10/1990

A CRISE DO LIRISMO AMOROSO

A temática amorosa é uma linha de força ao longo da história da literatura portuguesa. Foi o tema mais tratado pelos poetas desde a Idade Média, talvez porque outros temas fossem inconvenientes, como a problemática do homem na sociedade e no mundo, a contradição religiosa, a denúncia quer da política dos poderosos, quer das misérias sociais e morais. A censura, a Inquisição, a repressão avassalaram constantemente os poetas. O medo à fogueira, a deportação e a força constituíam meios bastante persuasivos a não se aventurarem por outras temáticas que não o «cuidar e o suspirar».

Na poesia dos trovadores o amor entre o homem e a mulher aparece puro, cortês e atrevido, conforme fossem cantigas de amigo, de amor ou de escárnio: O poeta era um trovador apaixonado que cantava em verso os seus sentimentos peitorais. Todas as composições, ou a grande maioria delas, andam à volta da mulher e do homem que a corteja ou é cortejado.

Com o Renascimento e as influências de Dante e Petrarca, o sentimentalismo amoroso, o sofrer que mata, aprimora-se. A mulher é aquela coisa loira e branca, inacessível como um anjo, que o poeta chora e endeusa. Camões foi o máximo expoente desta tendência, com Sá de Miranda, António Ferreira e Bernardim Ribeiro como precursores. O seu fogo de amor revelou-se tão intenso que ainda hoje, ao lado de Bocage, é considerado o maior «pinga-amores» da literatura portuguesa. Não se perdera o épico por causa de «üa dama»?

A lírica barroca e a lírica neoclássica seguiram de perto os passos dos poetas anteriores. A beleza da mulher, a sua inacessibilidade, o amor não correspondido continua a inspirar os poetas, agora mais artificiosos. Até os frades dedicam às suas «musas» primorosos sonetos, como Jerónimo Baía, frade ingresso do mosteiro de Tibães. Francisco Rodri-

gues Lobo, D. Francisco Manuel de Melo, Correia Garção e Bocage tresloucaram a dar ais sentidos pelo desprezo das damas queridas.

Os românticos do século XIX exageraram os ais, ofuscando, ora de exacerbada alegria, ora de profunda amargura, a sinceridade poética dos anteriores. Almeida Garrett foi o último grande lírico a tratar a temática amorosa entre homem/mulher. *Folhas Caídas* é uma espécie de lousa que encerra definitivamente a primazia dessa temática no túmulo marmóreo da inoperância.

Eça, nos seus romances, considera corrupto e impuro o amor entre homem e mulher. Primeiro porque nos seus romances o casamento era pré-fabricado sem comum consentimento. Segundo, porque os cônjuges se enganavam mutuamente, chegando Eça a afirmar «que em toda a Lisboa não havia uma única mulher virtuosa e séria». Tanto eles como elas se entregavam ao deboche extra-conjugal.

Eugénio de Castro e os simbolistas ignoravam tal temática nas suas composições líricas. Há outras preocupações, como a exploração do inconsciente humano, o sonho, os delírios, o fantástico, a música, a luminosidade, as atmosferas exóticas e o desenraizamento do banal. Não havia já lugar para o verbalismo retórico cheio de exclamações e suspiros de paixão pela amada.

Os poetas modernistas, a começar em Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, preconizaram uma renovação temática. A angústia existencial, o absurdo da vida e da morte, a frustração impotente, o tédio, a dor, o cepticismo perante o mundo vão fundamentar a presente perspectiva.

Aqui ainda menos o amor homem/mulher se insinua. As preocupações dos poetas do século XX já não são de procurarem exteriorizar a sua dor de mártires de Cupido. Projecta-se um amor universal a todos os homens, à natureza, ao real, ao onírico e ao ideal. Vemos os neo-realistas a denunciarem a repressão e as desigualdades sociais, defendendo a liberdade e a democracia (Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira). Os surrealistas procuram o desconhecido e o insólito

(Alexandre O’Neil, Mário Cesariny e Herberto Helder). Os que não se encaixam em nenhuma corrente, como Eugénio de Andrade e Ramos Rosa, optam pela descoberta da musicalidade e bonomia das coisas simples e primordialmente importantes.

E agora, quando aparecem esses poeteiros a choramingar de amores por alguma musa sua conhecida que lhes não deu treta, dá vontade de considerar: será que o lirismo amoroso não está realmente em crise?

Não há rapazinho português que, em tempo de cio, não encavalite meia dúzia de versos, com três ou quatro lágrimas e mais umas tantas noites de insónia. Pára a paixoneta, passa a inspiração e o vate encosta a lira. Quem não fez versos na juventude e os não dedicou a alguma Dinamene? Ora, os versos nem sempre fazem poesia. A poesia, contudo, pode ser feita de versos.

21/01/1992

EGAS COUTO, POETA DA CORE E DA FORMA¹

Nascido em 1945 nos arredores de Braga, Egas Couto cedo experimentou a oposição entre a vida rústica e a vida citadina de província. Filho de gentes do campo, herdou-lhes a dedicação às plantas que crescem, à chuva, ao sol, ao fogo que aquece e à água que refresca. Da cidade aproveitou o contraste das formas, o geométrico, o som, as vozes, as cores, o *stress*. Em Braga estudou na Escola Comercial. Nos anos 60 foi passar uns tempos a Macau, destacado como militar.

Aí soube usufruir dos perfumes do Oriente, a filosofia do imponderável, os sons raros, as comidas exóticas e o rancho do quartel, com casernas cheias de mosquedo e aromas nauseantes. Provém também desta época a sua irredutibilidade às normas e às leis.

Voltou a Portugal. De emprego em emprego nas horas em que não escrevia, fez de tudo, ou quase: motorista, empregado de balcão, escriturário e finalmente professor de trabalhos oficinais. Actividade que ainda agora exerce, com certa repugnância. «Mas os poetas também precisam de comer», diria a um amigo.

A sua obra literária não é vasta. Contam-se quatro livros publicados, três de poesia e um de ficção: *Verticais*, *Sem Corantes*, *Preposições* e *Mundo da Mágoa*. Nunca redigiu artigos literários para jornais ou revistas, sendo praticamente desconhecido nos meios culturais nacionais.

Não inserido em nenhuma corrente poética modernista ou vanguardista, Egas Couto é ele-próprio sempre. Não tem ninguém atrás e ninguém depois: «nem mestres nem discípulos», diria; «Não devo nada a ninguém. Saldei há muito todas as dívidas». Confessou que

¹ Egas Couto é uma ficção do autor que se originou durante conversas sobre literatura com José Carlos Espírito Santo, seu companheiro da secção «Anti-Literatura» publicada no *Correio do Minho*.

nunca lera uma única linha de poesia extrapessoal, além dos autores que o obrigaram a estudar na escola, como Camões e Afonso Lopes Vieira. Poetas que, segundo ele, o nausearam por serem «o suporte do regime salazarista».

A poesia dos seus livros pode resumir-se nalgumas constantes: a geometria das formas, com alusões a triângulos, quadrados, ângulos, encaixes, linhas, paredes, janelas, esquadria, prédios, árvores recortadas; a visualização das cores, como o azul, o vermelho, o verde e o amarelo, o brilho da luz artificial; a rejeição do fácil através dos versos obtusos com uma sintaxe em desequilíbrio lógico e uma semântica despragmatizada; a mitologia popular, imiscuída na lenda e na superstição das gentes do norte português, num amálgama com a sociedade actual, tecnicizada e consumista; a busca do inútil um pouco à maneira de Tristan Tzara que ele próprio desconhece. Também Egas Couto diz, como o poeta do dadaísmo: «Os meus poemas não significam absolutamente nada». São uma maneira de estar, de ouvir, de ver, sem dor ou alegria.

Egas Couto escreve sem risco, porque nada arrisca e nada está em jogo. «Nem a própria literatura». É um acto como o respirar, o comer, o ir ao café, mas abstraído da intenção e da necessidade desses actos. É com satisfação que (re)editamos nesta página alguns dos seus poemas para conhecimento de alguns que o ignoram e para regozijo dos que lhe são caros. já tivemos oportunidade de, neste ano que termina, apresentar um seu poema do livro *Preposições*.

Hoje propomos outro do mesmo livro e um de *Verticais*.

Terminamos com as palavras do poeta sobre si: «Um poeta não tem que ser amado e badalado. Odiado talvez, ou pelo menos vendido ao quilo para reciclagem».

RISCO

Azul quero que seja gravado em azul
Nem vermelho ou preto azul marinho.
Moeda efígie gravada um rei
A minar um sopro o poder de morrer
Cujo finco de azul soçobra.

Em *Verticais*

CONFORME

Chuva no telhado da casa
Folhas de choupo carvalho
Em queda lenta rigorosa
Sonâmbulos edifícios tímbrs
Ferrugem de antenas
Um mastro sem bandeira

Talvez um pássaro ainda cante
Sob o meu telhado.
Cedro verde eterno, inferno
No fogão de sala apagado.

A máquina do café não sai
Cai sonolento um arpejo
Inconstância do corpo
A buscar aconchego de voz.

Núcleo centro crase sonso
O responso litúrgico
Em dia de fiéis defuntos.
Até o Além se paga caro
Não vá Deus oferecer lugar
A quem tem mais ou se avia
De gravata.
Devir pregas de sofá
Chuva no telhado a mim
Surte efeito o pensar agudo
Na morte dos que não eu.

Em *Preposições*

18/12/1991

Os Desabafos do Sr. Teixeira

1987-1988

*Sentia somente, nesta noite suave, qualquer
coisa, alguém, morrer em mim.*

Nikos Kazantzakis, *Alexis Zorba*

NOTA

As datas das composições de *Os Desabafos do Sr. Teixeira* não são exactas. Representam apenas o dia em que o autor rabiscou a primeira ideia do poema que, mais tarde, foi aperfeiçoando até à forma final. O autor reconhece, no entanto, que muitos dos poemas necessitariam de uma poda mais actualizada. Decidiu apresentá-los sensivelmente como os havia pensado e sentido. Embora lhes falte arte, não lhes falta sinceridade. E talvez tenha sido isso a salvá-los da gaveta.

PARTE I

HOMO SESSUS

I

As grandes aspirações do momento,
Os pensamentos altos de subtilidade,
As raras sensações fugidias,
Um conceito obtuso do mundo,
Os ruídos cavos da civilização,
Aquele ideia para um filme,
A nota timbrada de uma música,
Eu no meu quarto a palpar a parede.

Comer um poema de Leo Ferré
Impresso em papel couché é indigesto.
Ainda há flores entre as pedras,
As rosas nascem sobre as lajes de cimento
E os muros esverdeiam de musgo.
Esta coisa do vídeo só estraga a arte.
Onde estão os direitos de autor
Numa cassete comprada na feira da ladra?

A arte dos livros tem mais valor,
Não se pode falsificar o conteúdo.
E eu, que passo a vida a falsificar-me!
Pirataria a vida todo os dias
Depois de me barbear ao espelho
E vestir o casaco para sair à rua.
Mas ninguém sabe que não sou eu
Aquele que sai pela porta da frente.

Toda a vida saí pelas traseiras,
Como a empregada que faz a limpeza
À casa duas vezes por semana.
Um vaso de jacintos que florescem na Primavera
Sorri-me quando chego carrancudo
Dos negócios sujos, porcos
A que me obrigo a escravizar
Quando sei que é vão o meu esforço.

O país não muda e os negócios também não.
Quem muda são os homens
Para outros homens de ambição maior.
A minha mais importante ambição:
Entrar pela porta da frente
E oferecer-me um ramo de flores.
Que ambição poética e delicada!
Os insectos viscosos borrariam as flores.

Uma tia está doente às portas da morte.
Mas essa tia para mim já morreu.
Não a conheço e só ouvi falar dela hoje.
Aqueles que nunca vimos não existem.
Deus existe porque ainda outro dia
O vi numa criança a chorar.
E o senhor Gorbachov também existe,
Porque o vi a discursar no *politburo*
Quando o telejornal emitiu as *news*.

Veio uma colega de emprego e queria
Que eu fosse para a cama com ela.
Os justos têm às vezes as suas tentações.
Pena eu não ser justo e não ter tentações!

Mandei-a embora e disse-lhe para ter vergonha.
Não tinha vontade de a aturar
E satisfazer os seus caprichos sexuais.
Agora anda tudo ao contrário.

II

Costumo masturbar-me intelectualmente.
Dá-me grande gozo sentir as ideias,
Apalpá-las como coisas reais.
Não me parece bem nem mal
A roda do mundo e dos homens.
Porquê exaltar-me com a miséria
E a guerra que grassa nos continentes?
Não me afectem que eu fico sentado.

Pus um autocolante no pára-brisas
Sobre propaganda de certo partido político
Que por acaso ganhou as últimas eleições
E agora vai desgovernando o país.
Tem uma cor atraente e obedece às leis do cartaz.
Fizeram-no para cativar, deu resultado.
Porque será que não cativo ninguém
E ando tão colorido por fora e por dentro?

A torneira pinga e a conta sobe.
Acercou-se uma fulana que eu não gosto.
Vinha sorridente a abanar o traseiro
Gordo e desproporcionalmente estético.
Tive de parar a conversa com um amigo
Para ouvir os seus risinhos idiotas.
Ela foi-se, recomecei a conversa
Mas vi que o maior idiota era eu
Ao deparar na estupidez da conversa.

Perdi o bilhete de identidade
Ao tirar do bolso a carteira preta.
Agora sou cidadão do mundo sem mundo.
A identificação não serve para nada.
Eu sei muito bem quem sou.
Ou não é às minhas mãos
Que o dinheiro vem no fim do mês
E delas que ele sai para o bolso dos credores?

O que eu na minha sinceridade não sei
é donde vim e que me espera acolá,
Ao volver da rua que vai ao cemitério.
Talvez não haja motivo de preocupação.
Uma estrada começa e acaba.
Uma parede tem a parte de cá e a parte de lá.
Sempre que penso confundo-me até aos pés.
O homem da pedra utilizava os pés para andar.
Nós, os da civilização, pensamos com eles.

As horas esvaem-se no tempo,
O cavalinho continua castanho,
Montões de livros dão-lhe sabedoria,
Espalha-se sobre a mesa de pau-brasil
E vem afectar-me a quietude sagrada.
O cosmos é um grande livro aberto
E eu só tenho montes de livros fechados
Nas prateleiras da minha alma cinzenta.
Viagens, passeios por bosques frondosos,
Vales profundos, infindas planícies,
Cidades altas, cidades baixas, o mar,
Os rios, o céu e tudo o que fica longe
Da terra onde temos o coração,

Traz-nos cultura como o simples olhar
Uma estrela perdida no espaço da noite.
A cultura não se descobre em livros poeirentos.

Atirei-me desenfreado a uma dança
Como faziam os primeiros à volta do fogo.
Na juventude de minha avó dançava-se aos pares.
A Humanidade degenera para o egoísmo.
Cada qual frui o seu ritmo
Abstraindo-se dos outros e do lugar
Onde a música corre solta e bruta.
Danço e os pensamentos são veados em fuga.

Despedaço as carnes de raiva surda.
Um filho meu partiu, deixou-nos.
O sangue do meu sangue morrera aqui
Momentos após ter nascido da incerteza.
Que adianta romper-me a gritar
Se é quimera fazê-lo aos pés da morte?
O sofá mole absorve os membros cansados
E a cabeça relaxa no sono impossível.

III

A carteira a rebentar de dinheiro
Ganho numa felicidade qualquer
Não paga o que o meu coração
Marmóreo e preso à terra não tem.
Os livros de fecundas páginas
A regurgitarem de ciência e de verdade
Não vergam o meu espírito teimoso
De incertezas e mistérios profundos.

O que me chora é o teu sorriso terno
À noite ao entrar e o beijo doce
Dos teus lábios macios e mansos.
O que me dói é a tua voz clara
Nas manhãs de sol a chamar baixinho
E o afago meigo da tua mão na minha.
Seria feliz mesmo que não existisses
Porque para mim estarás sempre comigo.

Quando escuto a passarada nos galhos
E o vento calmo sopra de norte,
Vens com ele e cantas na minha árvore
Frente ao lar que construímos
Para abrigar o nosso amor nas noites de Inverno.
Por isso nunca me esqueço de lavar a face
E não dormir com a carteira e os livros.
Ao chegares não me apanharás de porta fechada.

28/03/1988

IV

Um vizinho morreu.
Morreu como todos morrem:
Coração parado, estendido, nulo.
Foi honrado pai e marido.
Fartou-se de ser pai e marido, desejoso
De nascer outro sem filhos e mulher
Para sustentar, aborrecer e amar;
Desejo de não ter amigos importunos
E oportunos.

Enfastiou-se de tudo e nada.
Foram duzentos para o insecticida,
Morte barata nos tempos que correm.
Tornou-se azul,
Acabou roxo de mãos na garganta.
Um fora que deu ao mundo.
Rompeu, está agora onde ninguém anda,
Esquecido,
Se é que o nulo se pode esquecer.

28/01/1987

V

Poderosa força na rua da solidão.
Que farei no campo do jogo da vida?
Que posso tirar dessa força, ódio a quem?
Ajuda ao pobre que sou desde que nasci numa cama
Que nem era cama mas mãos duma parteira?
Eu gosto dos meus olhos estreitos e negros
E do cabelo que cai folhas de Outono.
Gosto das minhas mãos deformadas pelo trabalho
E da mulher esperando em casa que eu chegue,
Dos petizes que me abraçam e puxam a barba.
Gosto do sol e da noite, pois é o sol que dá sustento
E a noite o descanso.

Não sou apenas cabelo, mãos e olhos.
Sou mais e esse mais é-me insuportável.
Insuporto ver-me cansado e feliz no meu canto
De homem honradamente comprometido.
Anseio estar para além do que me cerca,
Sobrepor-me a este assento
E avançar para a distância.

15/06/1987

VI

Queria deixar uma mensagem
Daquelas que gostamos de dizer aos amigos
Antes de partir.
Eu conduzo um automóvel.
Ele faz parte de mim quando o dirijo.
Corre veloz e nunca me deixou ficar mal.
Uma grande sorte, este meu carro.
Bem, certa vez furou um pneu
E foi-me abaixo na auto-estrada.
Mas quem hoje não tem deslizes?

Motor de dois carburadores, um turbo.
Come que se farta. Não me importo.
Eu também como o que me apetece.
O que não me apetece guardo ou deito fora.
Mas isto não pertence à mensagem.
A mensagem que realmente queria deixar
Era esta: Não deixes na garagem
O teu automóvel sozinho.
Ao partires, parte com ele.

22/06/1987

VII

O carro numa rotina
Garagem abre portão fecha portão
Todas as manhãs à noite
Chova esfrie vente neve
Porque o carro esse
Deve ficar a seco
Fechado dos ladrões e do frio
Não vá fazer-lhe mal
À chapa ao motor.
Para o carro todas as atenções
Banhos de champô limpa-vidros
Cera de brilho escova de estofos
Verniz o *tablier* um mimo
Jantes especiais
Eternidades se perdem à volta dele
E até se chora se sofre um arranhão
Ou alguém lhe bate na traseira.
Um nunca acabar de cuidados
Que não damos a um filho
Porque esse é de carne
E não custou dinheiro
Nem foi preciso pedir empréstimo ao banco
Ele veio gratuito e chorão
Abalar alegrar interromper a vida.
Mas o carro leva o melhor quinhão
Porque sempre fiel
Não responde torto
Nem se mete com a filha do vizinho
E a engravida.
Bom filho o que eu comprei.

VIII

A ideia de rabiscar qualquer coisa,
O prazer de gritar frases hilariantes.
Sou um *seco e estéril monte*.
Vou no carro a baixa velocidade,
Estrada esburacada e cheia de curvas
– As estradas da velha Lusa.

Se quisesse parar na berma,
Puxar de papel e escrever não sei o quê,
Fá-lo-ia sem esforço.
Mas prefiro, acelerador ao fundo,
Gozar esta brisa que entra pelas janelas,
A sensação de ver que tudo foge.

E eu fico, num onde sem nome.

16/08/1987

IX

Um mosquito rabeia na mesa.
Atacou-me, esmaguei-lhe as asas.
Tropeça nas antenas
E quer levantar-se nas seis patas.
A força esvai-se, cai desfalecido
E exala o último suspiro
Face à pressão do meu dedo.

Uma borboleta procura a luz.
Passou rente ao meu nariz
E foi chocar na lâmpada do candeeiro.
Queimou as asas amarelas
Tão lindas fugindo ao castanho:
Repousa agora a sua desgraça.

Uma sombra atravessa a parede.
Sou eu disfarçado de mim.
Rabeia como o mosquito
E até dança como a borboleta
Que procura a cor e a luz.
Fundiu-se no escuro da sala,
Um mundo enorme sem portas nem janelas.

19/08/1987

PARTE II

I

Durmo com o rabo colado à cadeira.
Que mais poderia fazer senão dormir,
Dormir profundamente sem ter a consciência
De que durmo em hora de trabalho?
Não morro de fome nem de cede;
Tenho amigos, influências, cunhas.
E sou indispensável demais para que me despeçam
Por estender as pernas na secretária.
Eu sou importante!
Pedem-me conselho e tenho conta aberta num banco;
Sócio honorário do Sport Club do Carvalhais.
E até já escrevi uns poemas pró jornal da terra.
Por que não hei-de dormir tranquilo?

17/09/1987

II

Era tarde quando saí do emprego.
Gastei o tempo a fazer bagatelas.
Que haveria eu de fazer num emprego onde nada se faz?
Aproveitei-o como pude e já vamos indo.
Há dias em que nem posso aproveitá-lo como quero:
Vem sempre algum bafiento protestar aos Serviços,
apresentar queixa.

E eu bocejadamente escuto até que ele parta,
Contente por berrar contra os Serviços, aliviado.
Um relatório para a direcção que nunca lê
E assunto encerrado.
Mas sempre dá trabalhadeira:
Na direcção só aceitam relatórios batidos à máquina.
E vou batendo, tarde fora, a queixa impertinente.

A visita de um amigo é motivo de alegria.
Cavaqueia-se um pouco, passa-se tempo.
E é bom que o tempo passe
Para chegar depressa a casa e fazer serão com a família,
com a mulher!,

Que os filhos já não dão valor a isso.
Preferem o café ou ir ao cinema ver porcarias.
(Não digam nada, mas eu também as vejo.
Quando há zanga em casa e ela não quer coisa...
Um homem de respeito também escorrega.)
Mas que essas porcarias não deveriam existir, concordo.
Corrompem e desencaminham a juventude.
Ah!, se eu fosse governo!...

E teria lá chegado, não fossem os desvios do mundo.
Fazia parte da junta de freguesia,
Era o tesoureiro... Houve problemas e demiti-me.
De minha livre e espontânea vontade, note-se.

Agora estou numa cama com ela a ressonar ao meu lado.
Cheguei tarde, jantei tarde.
Foi a visita ao Celestino,
O presidente do Sport Club do Carvalhais.
Moeu-me a cabeça com uma proposta.
Quer mudar a equipa e eu sou a pedra de que precisa.
Dir-me-á depois o que me reserva.

Duas horas a mais metido no detestável escritório!
E vou pensando, noite dentro, nestas e noutras coisas
Que eu sei nada adiantarem para mim.
Quando não se tem sono é porque já se dormiu.
Amanhã nos Serviços passo pelas brasas.

18/09/1987

III

Que raio de raiva me atormenta hoje!
Saí da cama sem pregar olho.
Não tenho problemas que me possam tirar o sono,
Estou bem comigo e com os amigos
(Os inimigos não contam porque já sabemos o que são).
Fico estendido a olhar o tecto que não se vê,
A congeminar possíveis descabros na vida:
E se me acontecesse isto, e se me acontecesse aquilo?
E não pode ser, pois o importante é viver agora.

Ontem pensei que me estavam a assaltar a casa.
Levantei-me, peguei na arma e percorri-a cauteloso
Esperando movimento suspeito.
Era imaginação desta riquíssima massa encefálica.

Hoje tive fome, mesmo fome.
Ataquei o frigorífico e desopilei o gasganete
Daquela secura tão característica do desfastio.
O frango a seguir dava voltas ao estômago
E eu pela casa ruminando.
Agora estou com este raio de raiva
Contra o ventre e contra o frango – bastante apetitoso –,
Contra a mulher que rressona,
Contra mim, desgraçadamente contra mim.

22/09/1987